

Marca Coletiva como fortalecimento de uma comunidade

Collective Brand as strengthening a community

Suzenny Teixeira Rechene

Mestra em Administração de Empresas

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

suzenny.rechene@ifpa.edu.br.

Leidian Coelho De Freitas

Mestra em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares

Nutricionista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

leidian.freitas@ifpa.edu.br

Elder Felipe Silva Ronchete

Doutor em Ciência e Tecnologia de Alimentos

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

elder.ronchete@ifpa.edu.br

Lara Lima Seccadio

Mestra em Ciência e Tecnologia de Alimentos

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

lara.seccadio@ifpa.edu.br

Andreia Do Nascimento Lima

Mestra em Educação

Técnica em Alimentos e Laticínios do

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

andreia.lima@ifpa.edu.br

RESUMO: O registro de uma Marca Coletiva (MC) pode trazer inúmeros benefícios para uma comunidade, desde seu ressignificado histórico, passando pela organização de grupos produtivos, valorização da cultura e produtos da comunidade e abertura de mercado. No município de Eldorado dos Carajás/PA na Vila Betel/Vila da Banana, o Projeto Pró-Banana, executado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA/Campus Rural de Marabá), buscou desenvolver estas ações.

Palavras-chave: Benefícios. Marca Coletiva. Vila da Banana.

ABSTRACT: The registration of a collective brand can bring countless benefits to a community, from its historical reframed, to the organization of productive groups, the appreciation of the community's culture and products and the opening of the market. In the municipality Eldorado dos Carajás/PA in Vila Betel/Vila da Banana, the Pró-Banana Project carried out by the Federal Institute of Education, Science and Technology of Pará (IFPA/Rural de Marabá Campus), sought to develop these actions.

Keywords: Banana Village. Benefits. Collective Brand.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O “Projeto Pró-Banana: Transformação social por meio do empreendedorismo na agroindústria da banana”, uniu as atividades de pesquisa do Projeto de Promoção às Indicações Geográficas (Edital nº 63/2021, do Ministério da Educação - MEC) ao Projeto de Extensão em Empreendedorismo e Sociedade (Edital nº 02/2021, da Pró-Reitoria de Extensão - PROEX/IFPA). Nesse contexto, os projetos foram executados com 4 servidores e 6 alunos bolsistas (1 de graduação e 5 do nível técnico) do IFPA/*Campus* Rural de Marabá, sendo executado entre fevereiro de 2022 a agosto de 2022, com um financiamento de R\$10.000,00. Foram realizadas pesquisas para construir o diagnóstico para o potencial de Marca Coletiva (MC) da Vila Betel/Vila da Banana. Em seguida, foram executadas as ações do projeto de extensão para o fortalecimento das atividades produtivas da comunidade, que giram em torno do arranjo produtivo da banana.

História da Comunidade

A história é fundamental na construção e fortalecimento de uma comunidade. As ações de pesquisa, registro e consolidação da cultura e história de uma comunidade podem oferecer importantes oportunidades de desenvolvimento. Sabe-se que as primeiras civilizações surgiram de processos migratórios, especialmente após a revolução agrícola em busca de melhores condições de cultivo e criação (PINSKY, 2012). Quando os indivíduos se organizam em um novo espaço, a experiência migratória engloba velhos e novos mundos e continua pela vida toda do migrante e os conhecimentos são passados de geração para geração (THOMPSON, 2002). Assim, surgiu a intenção desta pesquisa, em conhecer e explorar a construção histórica da Vila Betel, conhecida popularmente como Vila da Banana, e estudar as possibilidades de criação de uma MC.

A descoberta do ouro da Serra Pelada, na década de 1980, atraiu mais de 100 mil trabalhadores para a mesorregião sudeste do estado do Pará. À época, o Pará “chegou a contribuir com 52% do volume de ouro extraído nacionalmente, devido, em especial, ao ouro proveniente do garimpo de Serra Pelada e dos garimpos localizados na bacia do rio Tapajós (MONTEIRO, 2010, p. 132). No início da década de 1990, houve declínio da produção garimpeira, especialmente em função da queda dos preços internacionais do ouro e da valorização da atividade de industrialização do minério (HEEMSKERK, 2001; MONTEIRO, 2010).

Deste modo milhares de trabalhadores que estavam fixados na região começaram a buscar outras atividades e a exploração agropecuária foi uma delas. A região é marcada por grandes latifúndios, contudo, também ocupa uma área em território nacional com um grande número de Projetos de Assentamentos. A região sudeste do Pará engloba

aproximadamente 500 projetos de Assentamento e mais de 64.000 famílias instaladas inicialmente (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARÁ, 2014). Assim, a agricultura familiar atualmente também ocupa um lugar de destaque na produção de alimentos para a região.

Segundo o Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Sudeste Paraense (BRASIL, 2010), a mesorregião possui a particularidade de estar inserida em uma das mais importantes áreas de fronteira agrícola da Amazônia oriental. Segundo COSTA (2000), esta mesorregião é uma das mais importantes mesorregiões agropecuárias do Estado, que junto com o nordeste Paraense perfazem aproximadamente 60% do valor bruto da produção animal e vegetal do Pará.

Neste contexto, os migrantes vindos de outros estados (principalmente dos estados da Bahia, Ceará, Paraíba, Piauí, Maranhão e Goiás) em busca do ouro da Serra Pelada no sudeste do estado, passaram a se fixar na região e trabalhar com agricultura (ASSIS, 2007). Assim, chegaram os primeiros moradores da Vila que passaram a sobreviver do plantio de culturas semi-perenes. Uma das primeiras culturas implantadas pelo primeiro morador da comunidade foi a banana (*Musa spp.*). A introdução desta cultura serviu como uma das principais atividades para a produção de alimentos e geração de renda para as famílias da Vila, que passou a ser conhecida como Vila da Banana em toda a região. A Vila, além de delinear a rota e o formato de comercialização desse produto, também serviu como base para traçar o perfil da prática de manejo da banana por parte dos produtores/comerciantes da região.

Assim, o Assentamento São Francisco despontou com a produção de banana. Alguns órgãos, como a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (EMATER-PA) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), também auxiliaram na propagação da cultura de banana fornecendo mudas e assistência técnica, especialmente para a produção de alimentos, para mitigar os impactos da desocupação dos trabalhadores devido à queda da mineração artesanal.

Um dos motivos para o povoamento da Vila baseia-se na busca de melhores condições de vida por meio da compra de pequenos terrenos (pedaços de terra como são chamados) com preços acessíveis nos quais podem trabalhar com a agricultura familiar.

A Vila Betel ficou conhecida popularmente como Vila da Banana há mais de dez anos. Está localizada às margens da BR 155, no km 65, entre os municípios de Eldorado dos Carajás e Marabá, no estado do Pará, região Norte do Brasil. É uma via de muito tráfego de veículos, em especial caminhões, devido ao corredor de escoamento da produção agrícola e de atividades de mineração da região. A Vila ganhou fama entre seus clientes pela acessibilidade, qualidade e preço baixo na comercialização de bananas.

De acordo com relato dos familiares dos primeiros moradores entrevistados, a Vila surgiu no ano de 1996. Muitos moradores vieram de outros estados do Nordeste como Maranhão e Bahia, atraídos pelas oportunidades da Serra Pelada, no município vizinho de Curionópolis, e posteriormente da mina de Carajás em Parauapebas. Contudo, aqueles que se identificaram com a agricultura, especialmente a familiar, aglutinaram-se em vilas nas redondezas destes municípios.

Os primeiros moradores da Vila foram o casal Miguel dos Santos Moraes e Rita dos Santos Moraes, que chegaram na região vindos do município de Curionópolis. Dona Rita ainda reside na Vila e o senhor Miguel já é falecido. Segundo Dona Rita, “tudo era mata, então começaram a plantar outras cultivares para alimentação, e a banana foi um dos cultivos que se adaptou rapidamente”. Em seguida, com o que excedia à subsistência, começaram a vender nas margens da Rodovia BR 155. Foi então que os outros moradores da vizinhança viram a oportunidade de renda e começaram a cultivar e vender também.

Segundo os moradores entrevistados na pesquisa, a Vila da Banana tinha uma localização boa às margens da BR 155, e passou pelas políticas de Assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que implantou o Assentamento São Francisco, trazendo outros moradores para a região. Com o crescimento da comunidade, os moradores começaram a se reunir em busca de benefícios. Assim, quando perceberam a potência de comercialização da fruta, fizeram uma banana grande de isopor para chamar a atenção e colocaram às margens da Vila. Também tentaram fazer a festa da banana, mas não conseguiram parcerias, o que não impediu que a fama tomasse conta na região.

Deste modo, a produção foi se difundindo e crescendo pelas vilas próximas. Em 1999, os moradores da Vila Betel criaram a Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Projeto São Francisco. A associação trouxe alguns benefícios para a comunidade, como equipamentos e parcerias. Contudo, houve dificuldades para a gestão, e no presente, a associação está inativa. Constatou-se ainda que já existiram outras duas associações, mas que também não tiveram uma grande duração. Portanto, devido às experiências anteriores, a comunidade encontra-se acanhada e receosa quanto à constituição de uma nova associação ou ativação da anterior. Considerando-se este fato uma das principais dificuldades para registro de uma MC. Percebe-se que a comunidade carece de ações ainda mais efetivas para reagrupar a comunidade e trabalhar cooperativamente.

Atualmente, não há uma entidade representativa habilitada para atuar como substituto processual no registro de uma MC na Vila da Banana. Porém, existem outras associações nas Vilas/Comunidades próximas, como Peruana e Iraque, com as quais foram realizados os primeiros contatos para ações futuras.

Conhecer seu passado é rememorar a história que exerce influência na tomada de decisão para a construção ou aprimoramento de uma atividade econômica exercida, que beneficia toda uma comunidade.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE EXTENSÃO

Seleção da Comunidade

O território produtor de banana da Vila da Banana engloba toda região norte do município de Eldorado dos Carajás, com 28.192 mil habitantes (IBGE, 2024) e região sudeste do estado do Pará. A área de Eldorado dos Carajás é de 2.956.691 km² e faz fronteiras com os municípios Marabá, São Geraldo do Araguaia, Piçarra e Curionópolis. A agricultura familiar desempenha um papel significativo nessa região, contando com 26.146 famílias assentadas (IBGE, 2010; SANTOS, 2017).

O Sudeste do Pará é compreendido pelo Clima Tropical Equatorial de Savanas (FISCH; MARENGO; NOBRE, 1998). Nesse sentido, a bananeira, planta tipicamente tropical, exige uma temperatura ideal de 26-28° C, com mínimas não inferiores a 15° C e máximas não superiores a 35° C (BORGES; BRASIL, 2014). A planta também exige, além do calor constante, precipitações bem distribuídas e elevada umidade para um bom desenvolvimento e produção. A produção tem se mostrado promissora, mesmo com a estiagem longa, partindo do uso de tecnologias de plantio e irrigação.

Atualmente, a Vila da Banana está sendo abastecida pela produção de bananas em seis comunidades, além da própria Vila, sendo elas: Cosipar e Sororó, no município de Marabá, e Peruana, Iraque, Cedro e Fortaleza, no Município de Eldorado dos Carajás. Essas comunidades ficam na região de fronteira dos municípios e na região cruzada pela BR 155.

O levantamento dos dados mostrou que grande parte dos moradores que habita a comunidade atualmente está lá desde o início do seu surgimento, sobrevivendo principalmente do comércio às margens da BR 155, comercializando produtos *in natura*, como a banana, coco, castanha-do-pará, e derivados como queijo, pamonha, lanches e outros. Porém, o seu potencial econômico que tem se destacado ainda é a venda de banana, especialmente as variedades: prata, maçã e pacovan.

A localização estratégica da Vila, a qualidade e o preço da banana têm contribuído para a expansão da popularidade e notoriedade da vila como Vila da Banana, pois está em uma via de grande fluxo de viajantes no estado do Pará.

A comunidade vem enfrentando dificuldade por conta da ausência de assistência técnica para o manejo adequado e controle de pragas e doenças da bananeira. Observa-se que a comunidade já possui uma identidade para comercialização da banana, contudo, ainda há divergências em relação ao uso do nome Vila da Banana devido ao seu nome oficial ser Vila Betel, que também constitui um traço da religiosidade presente na comunidade. Deste modo, o fortalecimento histórico se faz necessário pois, trazem e reforçam lembranças da sua cultura, economia e uma linha do tempo de desenvolvimento.

Execução do Projeto

A Vila Betel recebeu a alcunha de Vila da Banana devido à grande quantidade de comercialização da fruta na comunidade. Além da venda da fruta *in natura*, os comerciantes visualizaram na agroindústria familiar importante ferramenta para aproveitamento integral da banana.

Deste modo, com o objetivo de promover a disseminação do empreendedorismo social para produtores de banana, por meio de uma metodologia que permita a utilização de tecnologias e inovação no beneficiamento da banana, possibilitando o desenvolvimento local, executou-se o projeto de extensão “Pró-Banana: Transformação social por meio do empreendedorismo na agroindústria da banana”, que buscou promover a qualificação e diversificação dos produtos para agregar valor e atrair novos mercados.

A metodologia proposta baseou-se na realização inicial de um diagnóstico por meio de projeto de pesquisa, constituído por entrevistas e reuniões. Foram levantados o histórico da comunidade, bem como uma verificação das necessidades de melhoria de processos e inserção de novos produtos na cadeia produtiva da banana. Em seguida foram propostas: 1 oficina de Associativismo e Cooperativismo, 1 reunião sobre a criação de MC, 4 Oficinas de Beneficiamento da Banana e 1 Oficina de Artesanato com Fibra de bananeira. Todas as atividades propostas foram realizadas, obtendo a participação média de 15 pessoas por atividade, totalizando cerca de 100 pessoas capacitadas.

RESULTADOS E BENEFÍCIOS

Atualmente o comércio da Vila gira em torno da banana *in natura*, sendo muitas vezes a única fonte de renda para muitos moradores. É possível perceber que já há uma estrutura de receptivo se formando no entorno da Vila; lanchonetes e restaurantes têm se estruturado e a Vila tem se tornado ponto de parada de viajantes. Deste modo, nota-se um grande potencial para o registro de uma MC.

A MC poderá contribuir para agregar valor aos produtos, criar uma identidade visual e aumentar a confiabilidade nos produtos, sem que haja uma perda da característica local. Contudo, percebeu-se uma fragilidade na comunidade quanto à organização coletiva essencial para o registro de uma MC. Desta forma, a comunidade necessita realizar trabalhos para o fortalecimento de ações coletivas que visem o fortalecimento do grupo e a criação de uma associação ou cooperativa.

A Indicação Geográfica (IG) é um registro de uma localidade que se destaca pela propriedade intelectual de uma determinada atividade ou habilidade. Suas principais vantagens abrangem os aspectos ambientais, sociais e econômicos, como por exemplo, a produção legalizada, por meio da qual os produtos são embalados com selo, garantindo a verdadeira origem regional e um valor agregado (BRASIL, 2019).

A MC por sua vez, assim como a IG, é uma identificação de produtos advindo do trabalho coletivo (associação, cooperativa, sindicato, etc). Dentre seus diversos benefícios estão: a criação de uma marca que identifica os produtos ou serviços de um determinado grupo, pois somente os associados podem usar a marca, proporcionando segurança para o produtor e consumidor e o incentivo ao turismo, aumentando a visibilidade dos produtos ou serviços, mantendo a autonomia na precificação (BRASIL, 2023).

Um dos principais benefícios do projeto foi dialogar sobre novas perspectivas para a produção da banana. Trazer para o conhecimento da comunidade o conceito de MC e todos os seus benefícios. Foi demonstrado para a comunidade como seria a aplicação da MC na prática, conforme a Imagem 1:

Imagem 1 - Bolsista realizando a demonstração.



Fonte: Autores (2021).

Apresenta-se ainda como resultados sociais, em primeiro lugar: a oportunização para as pessoas da comunidade adentrarem ao mercado de trabalho, seja por meio de qualificação para um emprego, seja pelo empreendedorismo, constituindo seus próprios negócios a partir das oficinas ministradas. Ainda no aspecto social, observou-se uma grande participação de mulheres, o que pode trazer um novo perfil para as atividades produtivas da comunidade. Outro impacto percebido foi a compreensão da comunidade como parte ativa da sociedade, tendo uma demanda atendida por uma instituição de ensino conceituada.

Como resultados econômicos, concebe-se a criação, diversificação e aumento da renda dos participantes por meio da inserção de novas atividades produtivas a partir do beneficiamento da banana. A ampliação da cadeia produtiva da banana na região também aponta para resultados econômicos promissores. A partir do projeto, também vislumbram-se novos mercados e novas oportunidades de venda de produtos.

No que se refere aos resultados ambientais, a cadeia produtiva da banana tem se apresentando como importante elemento na busca de uma produção sustentável. A região tem apresentado grandes extensões de áreas degradadas pelo pasto, e a produção de banana se destaca como componente de recomposição dessas áreas, especialmente como integrante dos Sistemas Agroflorestais. A agroindústria da banana ainda se destaca por poder ser aproveitada integralmente: fruto, folhas e caule, deixando poucos resíduos em sua cadeia produtiva.

Assim, destacamos a relevância da IG e da MC para o desenvolvimento de comunidades e a formação de estudantes, como fortalecimento da identidade cultural local. A participação do IFPA/*campus* Rural de Marabá foi fundamental para a capacitação da comunidade, na busca pela melhoria socioeconômica da população do campo através da prática da cooperação, e nesse caso, da valorização do diálogo sobre experiências agrícolas, de processamento de alimentos e comercialização de produtos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, W. S. A Construção da Representação dos Trabalhadores Rurais no Sudeste Paraense. 2007. 225 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BORGES, A. L.; BRASIL, E. C. Sistema de produção de banana para o estado do Pará. 2. ed. Brasília-Distrito Federal: Embrapa, 2014. 51 p.

BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DA

PROPRIEDADE INDUSTRIAL. Guia prático de desenvolvimento, registro e uso de marcas coletivas. 2023. 15 p. Disponível em: https://www.gov.br/inpi/pt-br/central-de-conteudo/publicacoes-de-propriedade-industrial/arquivos/documentos-1/CartilhaMarcasColetivas_Sebrae_Nacional_Ajustado_30623.pdf. Acesso em: 03 jul. 2024.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Guia das Indicações Geográficas: Conceitos. Brasília, DF: 2019, 17 p. Disponível em:

<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/indicacao-geografica/arquivos-publicacoes-ig/guia-das-igs-conceitos/@@download/file/guia-das-igs-conceitos-interativo.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2024.

BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Sudeste Paraense. Marabá, PA, 2010. Disponível em: <https://www.yumpu.com/en/document/read/52617469/plano-territorial-de-desenvolvimento-rural-sustentavel-do-sudeste-paraense>. Acesso em: 15 jan. 2024.

COSTA, F. A. Contexto de atuação, impactos e efeitos do fundo constitucional do norte na agropecuária paraense (Paper n. 146). Papers do NAEA, Belém, v. 1, n. 1, p. 4-27, mai. 2000.

FISCH, G.; MARENGO, J. A.; NOBRE, C. A. Uma revisão geral sobre o clima da Amazônia. Acta Amazônica, v. 28, p. 101-126, jun. 1998.

HEEMSKERK, M. Do international commodity prices drive natural resources booms? An empirical analysis of small-scale gold mining in Suriname. Ecological Economics, v. 39, n. 2, p. 295-308, nov. 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo Demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 01 mar. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Cidades e Estados. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados>. Acesso em: 15 jan. 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARÁ. Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio. Marabá, PA: IFPA/CRMB - Campus Rural de Marabá, 2014.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PARÁ. Plano de Desenvolvimento Institucional. Marabá, PA: IFPA/CRMB - Campus Rural de Marabá, 2015.

MONTEIRO, M. A. et al. Ouro, empresas e garimpeiros na Amazônia: o caso emblemático de Serra Pelada. Revista Pós Ciências Sociais, v. 7, n. 13, p. 131-158, out. 2010.

PINSKY, J. As primeiras civilizações. 25. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 120 p.

SANTOS, V. M. A economia do Sudeste paraense: evidências das transformações estruturais. In: MONTEIRO NETO, A.; CASTRO, C. N.; BRANDÃO, C. A. (org.). Desenvolvimento regional no Brasil: políticas, estratégias e perspectivas. Rio de Janeiro: Ipea, 2017. cap. 4, p. 127-155.

THOMSON, A. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. Revista Brasileira de História, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.